Ano V — Lisboa, Maio de 1949 — N.º 49

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ANTIGOS ESCOTEIROS

UM MOVIMENTO QUE SURGE

Realizou-se recentemente uma nova reunião de Antigos Escoteiros, que teve pleno êxito, apesar de se limitar apenas aos elementos de um único grupo escotista.

Os sucessos alcançados em todas estas iniciativas, provam existir em Portugal um forte núcleo de Antigos Escoteiros, elementos que tendo recebido uma mesma formação educativa, conservam através da vida uma unidade de sentimentos e um espírito de fraternidade, que subsistem e são mesmo susceptíveis de revigoramento, apesar da natural diversidade de crenças e opiniões, diferentes graus de cultura e de classe social.

Se considerarmos que a finalidade do Movimento é exactamente formar cidadãos probos, desenvolvendo na mocidade o espírito de civismo, podemos concluir que o Escotismo em Portugal tem atingido os seus objectivos, como prova o espírito cívico de alguns milhares de Antigos Escoteiros: operários, agricultores, funcionários, professores, jornalistas, médicos, advogados, engenheiros, militares, comerciantes, industriais; que, apesar de afastados há muito das fileiras, reafirmam a sua confiança nos princípios por que foi orientada a sua educação, e testemunham gratidão ao Escotismo.

Não só em Portugal, mas em muitas outras nações, o movimento dos Antigos Escoteiros toma forma e desenvolve-se com uma amplitude admirável, criando grupos, clubes, associações, cuja única ambição é manter laços de amizade, promover actos de camaradagem, fomentar fraternidade. Num mundo em que as opiniões e os interesses tanto dividem os homens, é consolador ver surgir um movimento cujo alvo é congraçar indivíduos, unindo-os por cima de tudo aquilo que os possa separar.

Entre nós, este novo ramo escotista carece ainda de organização, mas existe. Sente-se a sua presença, nota-se a sua acção. O espírito do Movimento é latente. Os Antigos Escoteiros não hesitariam um só momento em estender a mão sobre a Bandeira Pátria e ratificar o Compromisso feito na sua juventude, que tem sido norma da sua vida. Os laços de fraternidade subsistem e, a cada nova oportunidade, confraternizam entre si e manifestam o seu contentamento. O «*Sempre Pronto*» pode afirmar o interesse dos Antigos Escoteiros pelo Movimento, pois conta algumas dezenas deles entre os seus dedicados assinantes. Falta ùnicamente criar o organismo que proceda ao seu recenceamento, promova novos contactos, fomente reuniões, visitas, e estabeleça, talvez, relações com os movimentos irmãos do estrangeiro.

O campo de acção da colectividade será vasto. É certo que a sua grande finalidade será manter o espírito escoteiro, testemunhar o êxito do método escotista, mas pode paralelamente sustentar uma actividade cultural ou física para aqueles que a desejarem, pode constituir uma obra de cooperação e auxílio mútuo.

A oportunidade surge! Vamos constituir a Fraternal dos Antigos Escoteiros? O «*Sempre Pronto*» receberá com prazer sugestões sobre o assunto, e, se verificarmos que a ideia merece o apoio dos elementos interessados, procuraremos promover uma grande reunião de Antigos Escoteiros para assentar em bases definitivas.

3 DE MAIO

BRASIL E PORTUGAL

Há no 3 de Maio um significado muito especial para nós. Não tem o sabor guerreiro que outros dias nos invocam, ou a tranquila meditação das datas religiosas; recorda-nos, porém, os nossos avós na sua tarefa grandiosa de dar novos mundos ao Mundo *e liga-nos mais estreitamente aos nossos irmãos de além-Atlântico numa sublime fraternidade.*

Realmente, o sentimento que une os dois povos é uma lição de maravilhosa transcendência que a todos aproveitará tomar. Agora que as nações procuram unir-se só para formar blocos a opor a forças adversas, a amizade de Portugueses e Brasileiros rescende da terra como o odor fino de lírios e violetas.

Se os escoteiros são os paladinos da amizade, nós, escoteiros portugueses, só temos que enaltecê-la e cultivá-la. O 3 de Maio dá-nos uma oportunidade que não podemos nem temos o direito de perder: a de fortalecer os laços de amizade com os irmãos-escoteiros do Brasil. E para isso não temos mais que continuar a tradição nascida, logo nas primeiras horas em que os marinheiros de Cabral pisaram terras de Vera Cruz.

Se a fraternidade escotista goza do cunho universal, do Brasil aproxima-nos o sangue e a língua. Mais do que em qualquer outro lado, ali se sabe das nossas glórias, se conhece o nosso sentir e se ama este torrão. Também, ali se encontram milhares de nossos compatriotas, ciosos de ouvir falar da Pátria longínqua e de elevar o seu nome.

Saibam os portugueses e brasileiros corresponder a esses sentimentos e tornar mais viva e eficiente a palavra Fraternidade, deixando de se ignorar uns aos outros, mas identificando-se cada vez melhor numa verdadeira manifestação de amizade.

Assim ao nome de Portugal será

(Conclui na 2.ª página)

"SEMPRE PRONTO,,

Em 6 do corrente, na Sede do Grupo 53, por gentil deferência do seu Chefe, efectuou-se uma reunião dos dirigentes e colaboradores do «*Sempre Pronto*», com vista a estudar a sua situação actual. Estiveram presentes os nossos Director, Administrador, Redactor Principal, e os Srs. António Cunha, Francisco Manuel M. Amaral, respectivamente correspondentes em Sintra e Carcavelos, Faustino Leitão e Manuel Tacão Monteiro.

Foram lidas as contas de 1948 e feito o paralelo com as contas dos 3 anos transactos. O Administrador apresentou ainda o orçamento de 1949, pelo qual se prevê um *déficit*. Foram feitas diversas considerações sobre a situação do jornal e resolvido iniciar uma campanha para 200 novos assinantes, maneira de cobrir o *déficit* previsto. Neste sentido se fará um apelo a todos os amigos do jornal.

Estudou-se ainda a remodelação de alguns serviços do jornal, tendo o Sr. Faustino Leitão aceite o convite que lhe foi feito para assumir a direcção do serviço de assinantes do «*Sempre Pronto*». A partir do próximo mês será este nosso colaborador que orientará todo o serviço de assinaturas e cobranças.

O nosso amigo Sr. Francisco Manuel Amaral aceitou igualmente o convite para colaborar na redacção, passando a fazer parte do nosso corpo redactorial.

Esperamos que em face destas remodelações e de outras iniciativas em curso, o «*Sempre Pronto*» poderá vencer as dificuldades existentes e prosseguir na sua tarefa em prol do Escotismo Nacional, da Educação e Cultura, para o que contamos com a boa vontade de todos os nossos assinantes.

Francisco Militão dos Santos

Este nosso muito dedicado colaborador, Agente-Correspondente do «*Sempre Pronto*» em Olhão e Chefe do Grupo n.º 6, deu entrada no Hospital daquela Vila, no dia 2 do corrente, onde foi operado à apendicite.

Por notícias do nosso camarada Sr. Francisco Pina, sabemos que a operação decorreu bem, ainda que, segundo informação médica, se tratasse dum caso difícil, e que o estado do doente é satisfatório.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» desejam ao seu camarada Militão dos Santos o mais completo e rápido restabelecimento.

BRASIL E PORTUGAL

(Conclusão da 1.ª página)

dado o esplendor de ser venerado e engrandecido no seio de uma grande nação e a nós portugueses a ventura de bem de perto ver crescer e progredir um povo nobre de quem fomos os caboqueiros.

ACAMPAMENTOS

Vamos entrar em plena época de acampamentos e parece-nos útil, vantajoso mesmo, trocar algumas impressões sobre estas actividades escotistas. Gostaríamos mesmo de abrir esta coluna a todos os Dirigentes de forma a que todos pudessem trazer aqui o seu depoimento, a sua experiência, o seu saber sobre matéria tão importante. Aqui deixamos a sugestão e esperamos que ela será bem aceite.

Parece-nos importante destacar que um acampamento de Escoteiros é, pelo seu espírito e pela sua forma, muito diferente de qualquer outro acampamento quer militar, quer desportivo, tendo afinal um pouco de qualquer deles.

O acampamento tem um espírito: o cumprimento da Lei e o Compromisso. Em volta dele gravitará toda a actividade e serão os seus expoentes o fogo de conselho, o içar da bandeira nacional, o momento de serviço religioso ou meditação, a B. A., a fraternidade. Sem este ambiente espiritual não haverá acampamento escotista.

O desenvolvimento do acampamento será um jogo. Um campo escotista não é um piquenique, mas um quadro de acção. Num acampamento escotista não veremos rapazes de «papo para o ar». Há necessidade de descanso, sem dúvida, mas este consegue-se alternando os exercícios físicos, com as reuniões; os jogos de movimento, com as distracções. A inactividade é prejudicial e os Chefes deverão ter a preocupação de manter os rapazes ocupados.

Antes dos acampamentos será recomendável — diríamos mesmo indispensável — que o médico do Grupo inspeccione todos os escoteiros e os declare aptos para campismo, indique ou contra-indique a montanha, o campo, a praia.

Será essencial recomendar a todos as precauções a tomar para defender o organismo da humidade.

Visitar os Pais dos Escoteiros, em particular dos novos, tranquilizá-los quanto à vida de campo e dar-lhes todos os esclarecimentos de que tiverem necessidade.

Estabelecer um Programa dos acampamentos a efectuar e locais eleitos.

Serão estes os cuidados preliminares para a nova época de campismo, partindo do princípio de que o material se encontra já em devida ordem.

E, quanto a material, eis um sistema interessante usado pelos nossos camaradas franceses: É sabido que o material se vai deteriorando em cada acampamento efectuado. Então alguns franceses estipulam como despesa de acampamento uma certa verba para depreciação de material, com que criam o fundo de aquisição de material. A ideia é interessante e muito correcta, pelo que não evitamos de a recomendar como a maneira mais segura, mais acessível e até justa de dividir a despesa com a compra de material.

RUI DE LEMOS

N. da R. — Com todo o gosto anuímos à sugestão do nosso colaborador e teremos muito prazer em arquivar ideias ou pareceres sobre campismo, de todos os interessados.

ARMANDO LINO

É com muita satisfação que registamos aqui a grata notícia de que reassumiu a chefia do Grupo 53 este nosso caro amigo, que esteve alguns meses ausente de Lisboa, por



motivo de saúde. Alegra-nos este acontecimento, primeiro porque o Chefe Lino se encontra completamente restabelecido, depois porque se trata dum dirigente escotista dos mais dedicados, cuja camaradagem nos é agradável e cuja acção tem sido e será muito útil ao Movimento Escotista.

DE SETÚBAL

GRUPO N.º 40

Nova Bandeira — No dia 13 de Março, realizou-se na sede deste Grupo uma festa íntima para inauguração do novo estandarte, que foi entregue ao Chefe pela Menina Maria Fernanda Mourão. O Presidente da Comissão de Patrocínio, Rev. Sr. Pereira Martins, fez uma alocução aos escoteiros, explicando o significado de uma bandeira dentro de uma colectividade ou de uma nação.

Durante a mesma reunião prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros Augusto Raminhas, Joaquim Lindo, José Dinis Malaia e Ilídio Veiga. Aos novos camaradas o «*Sempre Pronto*» apresenta boas-vindas.

Festas da Cidade — No dia 27 do mesmo mês efectuou-se na Câmara Municipal uma sessão solene de abertura das festas da cidade, a que presidiu o Sr. Ministro da Marinha. A guarda de honra foi-lhe prestada por escoteiros deste Grupo.

Em 3 de Abril este Grupo assistiu ao sarau cultural que se realizou nos Paços do Concelho.

Exercícios — Na manhã do dia 3 de Abril este Grupo fez um exercício na Serra de S. Luís. — C.

AINDA O 37.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 1

Mensagem do antigo Chefe do Grupo «Um»

ERNESTO DE SOUSA

Lá longe, nos Estados Unidos, Ernesto de Sousa, que foi chefe dedicadíssimo do «Um», não esqueceu a reunião dos seus velhos camaradas. De lá enviou a presente e encantadora mensagem. Porque nos foi pedido e porque ela faz a própria história do Primeiro Grupo, recordando passos mal lembrados, não resistimos ao desejo de a transcrever quase na íntegra, certos de que merecerá aos nossos prezados leitores todo o interesse.

Chicago, 2 de Abril de 1949

Aos Antigos Camaradas,
1.º Grupo de Escoteiros de Portugal,
Lisboa-Portugal

Meus muito queridos amigos:

Aproximando-se a data do vosso «Jantar de Confraternização» eu sinto o desejo de vos enviar algumas palavras e com elas as minhas saudações fraternais de sincera afeição a cada um de vós. Começo, pois, saudando cada camarada presente, o querido e nunca esquecido N.º 1, assim como o amado Portugal!

A reorganização do Grupo

O desejo de reorganizar o grupo é natural. Ele justifica-se, tanto mais que todos vós tendes, através dos anos, dado as mais louváveis provas dos frutos prestimosos do querido «1». Isto não são palavras banais, mas sim, factos! A minha vida privada, conhecida só de Deus, assim o prova também.

Certo disto eu tenho sentido por vezes que será viável ressuscitar o grupo, baseando a sua organização nos métodos e no espírito que fizeram do «1» o grande grupo que foi! Ora está neste ponto delicado a razão principal por que tenho evitado sugerir a menor coisa. Reorganizar o grupo implicaria talvez o estabelecimento da sua sede na actual ACM, instituição que, apesar dos seus serviços prestimosos, está longe, muito longe, de ser o que era a muito saudosa União Cristã da Mocidade.

Não creio ter animosidade seja a quem for, desejo à ACM prosperidades e sucesso nos seus esforços, porém sendo ela, segundo parece, mantida e dirigida pela ACM americana, eu sinto, com experiência profunda do que digo, que a ACM de Lisboa não representa o ideal elevado que nos era tão querido nos muito saudosos dias da Rua das Gaivotas, 6.

Eu não desejo alargar-me em considerações várias sobre este assunto. Direi simplesmente que, tendo trabalhado durante nove anos na ACM, em Nova Iorque, sendo um dos dois representantes da União Francesa e fazendo nessa qualidade parte de inúmeros «comités» de todo o género, pelos quais me familiarizei a fundo com todos os problemas de importância do trabalho da ACM, eu por vezes duvido de que a ACM actual de Lisboa seja o lugar apropriado para um grupo de tão lindas tradições como as do querido «1».

O meu ponto de vista é, além doutros, que, após 28 anos de permanência na América, eu sinto, duma maneira muito definitiva, que a propagação de ideais e causas de valor superior tem que ser feita pelos cidadãos do próprio país. Isto não representa chauvinismo algum, nem tão pouco falta de apreço ou admiração pelas muitas coisas maravilhosas que aqui possuem.

Foi no decorrer dos anos, nas muitas viagens que aqui fiz, nas constantes visitas que efectuei a tudo quanto era de interesse educativo e prático, que eu descobri que no final de contas o segredo do progresso fenomenal dos Estados Unidos não está na abundância de dinheiro, como quase todos pensam, mas sim no aproveitamento, desenvolvimento e valorização de TUDO o que tende à felicidade do indivíduo!

O Milagre do Grupo N.º 1

No que diz respeito ao querido «1», longe, muito longe, de mim o julgar, ao sair de Portugal, que o nosso grupo seria um dos melhores que jamais existiu! Meus queridos camaradas, considerando o que durante 28 anos vi e li sobre o que se passa aqui e noutros países, eu de forma alguma receio dizer, ainda que o faça humilde e gratamente, que se um estudo imparcial fosse feito aos melhores grupos que jamais existiram, ou existem, seja em que país for, o 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal seria escolhido como um dos melhores, se não o melhor de todos!

Vaidade pessoal? Não! De forma alguma! O sucesso do n.º 1 não foi devido a Ernesto de Sousa. Não foi mesmo devido a esse grande carácter e personalidade que se chamou Rodolfo Horner, ou a essa dedicação profundíssima que se chamou Roberto Moreton, ou a essa grande inteligência superior que se chama Eduardo Moreira, ou a outros grandes e dedicados amigos. O sucesso do «1» foi devido ao esforço maravilhoso de VÓS todos!

A história do grupo n.º 1 considero-a hoje como a de um verdadeiro milagre, lição real e solene para todos aqueles que se chamam portugueses e que sinceramente amam a sua Pátria! Ele pode ser apontado, sem hesitação, a tudo e a todos aqueles que duma forma louvável procuram honrar o nome e o prestígio da lusa terra! Basta dizer-se que um número tão reduzido de rapazes, muitos de condição humilde, de meios fraquíssimos, de educação elementar, sem conhecimentos práticos da vida, sem literatura adequada, sem a colaboração técnica seja de quem for, escreveram uma tão linda história, com as suas vidas e com o seu trabalho, que ainda hoje, após 37 anos da sua fundação, é ainda o grupo mais respeitado e mais admirado em Portugal!

A que devemos tal êxito? A Ernesto de Sousa? de forma alguma! Esse rapaz tão pequenino, tão simples, de educação fraca, só tinha uma qualidade: a sua boa vontade! O sucesso do grupo n.º 1 foi devido a um ajuntamento de verdadeiros «leaders» e rapaziada esplêndida como jamais qualquer outro grupo possuiu, ou seja Humberto Martins, com a sua lealdade e dedicação profunda, com a sua habilidade artística sempre apreciada, a um Cosme Leitão, um dos caracteres mais sólidos e mais louváveis, como eu jamais encontrei igual aqui na América. A António Chamusco, esse leão de energia e de vontade, carácter puro e leal. A Clímaco do Nascimento, coração dedicado de muitos anos, alma e mente engenhosa, procurando sempre o aperfeiçoamento do equipamento do escoteiro. A Fernando Vilar, coração meticuloso e «Sempre Pronto». A Júlio Trindade, inteligência já rara para a sua idade, com conhecimentos de valor da pedagogia realística, que nós desconhecíamos então.

Sim, foram belos rapazes como esses que fizeram do «1» o grupo que era. Foi um César Vantache, um verdadeiro «gentleman», leal, dedicado. Foram Roberto Chamusco e Sobral Martins, essas duas «abelhas» duma actividade prodigiosa, conservando todo o material da sua patrulha numa forma meticulosa. Foram os irmãos Pombeiros «Sempre Prontos» a ajudar, construindo os armários das patrulhas. Foi um Henrique Casquilho, essa alma cândida, de dedicação tão rara. Foi um Albano da Silva, profundamente dedicado, capaz. Foi Leopoldo Saramago, esse bom rapaz que eu hoje, após anos de exame educativo, considero tão típico duma boa parte da mocidade portuguesa, alma sincera, leal, singela e dedicada.

Enfim, foram muitos outros de cujos nomes não me recordo e aos quais eu apresento as minhas desculpas, rapaziada forte e trabalhadora. Foram eles que pouco a pouco obtiveram maneira de se adquirir todo o fardamento e equipamento dos escoteiros do grupo: chapéus, cintos, meias, bolsinhas de primeiros socorros, cordas, bandeiras de sinais, barracas, equipamento de cozinha, de escoteiro e de campo. Sim, foram eles que, com a sua lealdade e dedicação, tornaram possível, e com sucesso, mil e uma actividades que fizeram do «1» o exemplo que foi para outros grupos com os constantes acampamentos, passeios, visitas a todos os museus, paradas, guardas de honra, festas, exercícios, actividades várias na União, etc., etc.

Eu lastimo que não haja na língua portuguesa uma palavra que exprima exactamente a significação da palavra inglesa «to challenge». A que mais se aproxima, creio, é a de «desafiar». Ora esta palavra, em geral, não se relaciona com pensamentos amigáveis ou bondosos, enquanto que a palavra «challenge» exprime o pensamento de um desafio numa forma amável, amigável.

Se me é permitido empregar tal palavra nesse sentido, eu desafio seja quem for a provar-nos a existência dum grupo com uma história tão brilhante como a do querido «1». Isto parecerá talvez orgulho demasiado. Durante anos eu próprio assim o pensei, porém, com o decorrer dos anos e com a experiência do que vi e à luz do que li, posso afirmar que nenhum grupo aqui rivaliza com o nosso. Se aqui estivésseis ser-vos-ia fácil notar que os escoteiros aqui nem mesmo, como dizemos em linguagem popular, chegam aos calcanhares dos do n.º 1.

A História do Grupo

O Basquetebol foi introduzido em Portugal pelo Grupo Um

Historiemos um pouco: — O grupo «1» introduziu o Escotismo no continente português. Foi o único que convidou um grupo forte estrangeiro a visitar a capital, onde foi recebido com um sucesso estrondoso. Foi o grupo que organizou pela primeira vez em Portugal um acampamento de rapazes, durante 10 dias, em Fitares. Talvez

não saibam que foi o grupo «1» que introduziu o «Basket-ball» em Portugal. Há confirmação disso num pequeno artigo referente ao nosso acampamento, publicado no «Século». Foi jogado no Alfeite, com dois chapéus de escoteiros, amarrados a pinheiros, servindo de «basket».

Foi o grupo «1» o único que planeou uma visita a um país estrangeiro, visita impedida sòmente por causa da guerra, em 1914. Foi o «1» o grupo escolhido pelo Governo português para representar Portugal na grande parada dos escoteiros espanhóis em Madrid. Esta visita foi também impedida, desta vez, pela revolução de Maio de 1915.

O n.º 1 produziu mais escoteiros-chefes que qualquer outro grupo. Dele saiu também o maior número de colaboradores e dirigentes da Associação Central.

Era o único grupo que tinha a distinção de possuir, como patronos da instituição mãe, a União, os embaixadores das três nações mais poderosas do mundo: a Inglaterra, a América e a França! Foi o único que teve uma sessão presidida pelo general Bernardiston, representante das nações aliadas em Portugal durante a guerra mundial.

Sim, a isto poderíamos juntar a infindável lista da colaboração extremosa de muitos amigos. Sim muitos. Aquela dedicação tocante, profunda, de toda a família do digno cônsul suíço, Sr. Mange. A dedicação esmerada de toda a família do pastor inglês, Sr. Lithgow. A permissão pessoal do Almirante Hipácio de Brion, então director do Clube Naval de Lisboa, para que os nossos escoteiros tomassem ali lições de natação.

A permissão do comandante de Infataria 2 para que um dos seus corneteiros instruísse alguns dos nossos rapazes. A amabilidade do comandante da Torre de S. Julião de pôr à nossa disposição um sargento da Torre para nos mostrar as dependências daquela unidade militar. A permissão dessa grande figura nacional do desporto, Sr. Guilherme Pinto Bastos, para acamparmos na sua propriedade em Belas. A permissão à terceira patrulha, por entidades oficiais, para acampar numa propriedade do Estado na Serra de Sintra.

O interesse sempre profundo do «Século» enviando um fotógrafo ao Alfeite para tirar fotografias dos nossos acampamentos, publicadas na «Ilustração Portuguesa». A amável colaboração do sargento-telegrafista Álvaro Pinheiro, dirigindo aulas de telegrafia sem fios para os nossos escoteiros. A bondosa dádiva do bom amigo Sr. Israel Saramago cedendo o material necessário para aquelas aulas.

A gentil colaboração do Ginásio Club de Lisboa, dando aulas de jogo de pau aos escoteiros que se preparavam para visitar a Inglaterra. A colaboração com o querido e muito saudoso secretário da Cruz Vermelha Portuguesa, Sr. Guilherme dos Santos Ferreira, pela qual foi possível aos nossos escoteiros vender 7.000 bilhetes especiais, cujo lucro reverteu a favor dos feridos de guerra em Angola.

Sim, muitos e muitos mais. As aulas de socorros a feridos gentilmente dirigidas pelo dedicado amigo, Sr. Luís Moitinho de Almeida, da Cruz Vermelha Portuguesa. Outras bondosamente dirigidas por António Luís Flores, hoje uma sumidade médica em Portugal. O pedido do reitor do Liceu Passos Manuel, Sr. Dr. Alberto Machado, para organizarmos o grupo de escoteiros daquele liceu.

As saudações do grande chefe, general Baden-Powell. A honra concedida pela Associação Central dos Escoteiros Franceses nomeando o presidente e o secretário do nosso grupo seus membros honorários. Correspondência e saudações de associações congéneres, como: Macau, América, Inglaterra, Suíça. Holanda, Espanha, Tunísia, Argentina, Uruguai, Canadá, Itália, etc.

A gentil oferta do grande especialista, Sr. Dr. Furtado Coelho, para dirigir classes de ginástica sueca para os nossos escoteiros. A amável cortesia do ilustre escritor António Sérgio enviando-nos o seu prestimoso livro «Educação Cívica». A oferta generosa do prezado amigo Sr. António de Sousa Ramos, industrial, constante de machados para todos os escoteiros, do tipo oficial usado no exército português.

As interessantes classes educativas de modelação, topografia e trabalhos manuais, competentemente dirigidas pelo muito dedicado amigo Sr. Capitão Álvaro de Lemos. A amável cedência do Sr. Conde dos Olivais de acamparmos na sua quinta em Cascais, quando da volta da Praia das Maçãs. A gentil oferta de uma corneta pelos dedicados consócios Manuel dos Santos Domingos e Abel Maria de Castro. A bondosa confecção da bandeira do grupo pela Sr.ª D. Amadora Ribeiro, mãe do dedicado escoteiro António Ribeiro.

Quanto eu gostaria de me recordar de muitas outras pessoas que tão bondosamente nos ajudaram, porém a memória me falha. Disto me recordo: o auxílio tão prestimoso do pai do Clímaco do Nascimento, a bondosa colaboração das graciosas irmãs Chamuscos e do Vilar, assim como de seus pais. O auxílio das gentis irmãs do Ribeiro, etc, etc. O número dos nossos amigos era legião! Quão gratos nos sentimos!

Os Dirigentes do Grupo e o seu ambiente espiritual

Deixo para o fim propositadamente, a dedicação sem igual daqueles que foram os nossos mentores morais e espirituais. Eu refiro-me à honra, devoção, sacrifício, inteligência, bondade, verdadeiro amor cristão dos nossos dirigentes, ou seja a essa vida exemplar, cândida e bondosa de José Ilídio Freire, à saudosa figura do nosso grande amigo e tesoureiro, Sr. Jorge da Fonseca Leote, tesoureiro da Casa da Moeda, à devoção constante e bondosa desse português ilustre que é Eduardo Moreira, à colaboração fenomenal, cheia de carinho, conselho e devoção de Roberto Moreton, e, por fim, a essa vida quase sem igual de carinho e de bondade, a esse grande cristão que se chamou Rodolfo Horner!

E dizer-se que tudo isso foi feito num ambiente puramente cristão-evangélico, num país de ideologia espiritual tão diferente! Que lição tão profunda e tão valiosa, lição que deveria ser repetida por toda a parte. Meus queridos, nas fileiras do amado «1» praticou-se o verdadeiro cristianismo, a mensagem de São Paulo na sua mais profunda pureza: «A caridade é sofredora, é benigna, a caridade não é invejosa, a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não trata com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita o mal; não folga com a injustiça, porém, sòmente com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Agora, pois, permanecem estas três, a fé, a esperança e a caridade; porém a maior destas é a caridade».

Meus queridos: Eu não conheço igreja ou instituição alguma, seja de que ideologia for, aí ou aqui, que apresente um exemplo tão vívido, tão real, tão profundo, de verdadeiro cristianismo, como o que foi praticado no saudoso «1». Vós todos sois testemunhas de que jamais alguém ali vos forçou, vos criticou, vos insinuou, directa ou indirectamente, no sentido de vos desviardes das vossas inclinações espirituais, fossem elas quais fossem! O amor dos nossos mentores para convosco era o mesmo para cada um de vós, fosse qual fosse a vossa fé! O amor de Cristo vos foi apresentado em toda a singeleza e pureza, com o exemplo e realidade das suas vidas.

Hoje, passados muitos e muitos anos, muitos de vós não seguirão abertamente o conselho dos vossos educadores; contudo, como sempre, a sua dedicação e a lealdade do seu amor para convosco, ainda são os mesmos de então, apesar de muitos anos decorridos. A presença do nosso querido amigo, Sr. Eduardo Moreira, no vosso meio, para com a sua palavra autorizada e com o seu conselho ajuizado e elevado vos incitar ao mais nobre da vida, é mais um exemplo vívido dos ideais que dirigiram o grupo n.º 1.

Hoje, por toda a parte, o antagonismo parece dominar tudo e todos. Jamais grupo ou instituição alguma poderá apresentar um exemplo tão tocante, duma tão bela camaradagem, dum desinteresse tão visível, duma afeição tão leal e tão sincera como a que nos foi testemunhada por esses verdadeiros patriarcas da causa evangélica em Portugal.

Essa grande personalidade que foi Joaquim dos Santos Figueiredo, cedendo-nos dois dos seus filhos, João e Leopoldo, a sua igreja—a episcopal—representada por eles e por Baudouin; a amizade sempre crescente do patriarca que foi José Augusto dos Santos e Silva, a sua igreja—a congregacionalista—representada pelo filho do ilustre Eduardo Moreira, o Ernesto assim como o Saramago; a presbiteriana, coadjuvados como éramos pela simpatia risonha e afável de Mota Sobrinho e pela representação de Erick Moreton e de José Correia.

A congregação da Calçada do Cascão representada por António Luís Júnior. A das Amoreiras, com a bondade de George Howes e a devoção profunda de José Freire, representada por vários fiéis escoteiros, a de Santa Catarina pela afabilidade em gentileza de Carlos Swan, Henrique Tavares, Coelho e outros, assim como a representação de muitos escoteiros. Não me esqueço também do muito bom amigo Sr. João Canuto, confiando-nos o seu filho, o nosso caro Roberto Canuto.

Acaso já viram, em parte alguma, uma camaradagem tão esplêndida e uma amizade tão preciosa! Basta dizer que das nossas fileiras saíram três escoteiros que dedicaram as suas vidas ao trabalho missionário, a saber: Jaime Raposo, em Angola, Nascimento Freire, em Moçambique, Erick Moreton, na China! Resultado do nosso trabalho? Certamente que não, porém eles honraram as nossas fileiras. Acaso há no mundo inteiro grupo algum que tenha a honra de apresentar três (a) missionários? Eu não creio! Nunca tal ouvi! Uma distinção muito honrosa para nós.

(a) N. R.—Erick Moreton faleceu em Hong-Kong às mãos dos japoneses e ao serviço da Cruz Vermelha. Presentemente outro velho escoteiro do «1» segue a vida missionária—António Afonso, em Cabinda.

(Concluí no próximo número)

LITERATURA ESCOTISTA FRANCESA

AS MELHORES OBRAS TÉCNICAS E DOUTRINÁRIAS

OBRAS DE BADEN-POWELL

À VENDA:

Tabacaria Boa-Hora—R. Nova do Almada, 46

Papelaria Au Petit Peintre—R. de S. Nicolau, 104

Na Redacção do «Sempre Pronto»

Atlas, Ilustrados a cores, de Mamíferos, Aves, Insectos, Répteis
Guide de L'Entomologiste, par C. Colas

A chegar brevemente a novidade literária

HISTOIRE DU SCOUTISME — de Effenterre

LITERATURA RELIGIOSA

«Saint Paul et ses Compagnons», por Jean Jousselin	9.50
«Le Libérateur»—Notas sobre o Êxodo, por Roland de Pury	6.00
«L'Epitre aux Philippiens», por Suzanne de Dietrich.....	6.00
«Introduction au Nouveau Testament», por Albert Cadier...	12.50
«Abrégé de L'Histoire de L'Église Chrétienne», por E. Jordan	14.00
«En March de L'Évangile»; Comentários de S. Lucas, por Jane Pannier-Schloesing.....	12.50
«Problèmes de la Mort et de L'au-dela», por Pierre Bourguet	8.50

Pedidos à Redacção

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

O Tiro de Flechas

II

Como vai o vosso arco? Suponho que haveis conseguido que ambos os extremos curvem por igual, e estais desejosos de colocar nele uma flecha e provar a vossa apontaria.

Naturalmente, é preciso primeiro ter flechas. Vejamos coma fazê-las: Para cada flecha necessita-se de uma haste de madeira leve e não quebradiça, perfeitamente direita, e de 70 cms. de comprimento por 10 mms. de diâmetro. A melhor madeira é a do vidoeiro, porém serve também o carvalho, o salgueiro ou outra madeira. Cortar as varas, se não o estão já, e alisá-las com um pedaço de vidro e lixa. Se for necessário endireitar alguma curva, fazê-lo aquecendo essa parte ao fogo. Logo que as varas estejam em ordem, pintam-se de uma cor viva a fim de que seja mais fácil encontrar as flechas quando se não cravem no alvo.

As pontas comuns nas flechas «de verdade», não vos servem, porque ao arrancar a flecha do alvo produzem rasgões ou se partem elas próprias. A melhor ponta para as vossas flexas são as balas perfuradoras já usadas, que não são difíceis de adquirir rebuscando junto dos alvos de qualquer campo de tiro militar. Como estão cheias de chumbo, há que aquecê-las até que este se derreta deixando vazia a bala. Recortamos o rebordo que forma a base da bala pela parte de que temos tirado o chumbo, e já temos a ponta disposta a ser colocada na flecha, a cujo extremo demos a forma apropriada para que encaixe justamente dentro da bala. Pega-se com cola e deixa-se secar.

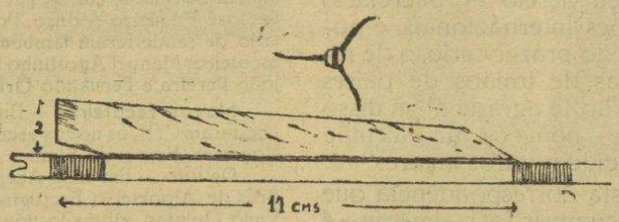

Fig. 1

No outro extremo da flecha faz-se um entalhe para a sujeitar à corda do arco, de modo que se não solte, porém sem que fique apertada demasiadamente.

Procederemos depois ao emplume, o mais difícil nisto das flechas. Precisamos de penas de peru, e é necessário que as três penas que necessita cada flecha sejam da mesma asa, porque as penas da asa direita têm o frisado em sentido contrário das da asa esquerda. Isto é muito importante para a direcção da flecha durante o seu voo.

Para que as três penas tenham a mesma forma e medidas, deveis confeccionar um padrão em cartão, segundo as medidas da fig. 1. Com uma navalha bem afiada abre-se ao comprido o canhão da pena, e com uma tesoura cortam-se as barbas de acordo com o padrão. Raspada a pintura da parte em que vão ser colocadas as penas, e encolando o canhão da pena e a zona em que vai ser pegada, unem-se ambas, sujeitando-se a pena com alfinetes ou fio até que esteja tudo bem seco. Efectuam-se então as ligações definitivas que reforçam o conjunto, repara-se a pintura, cobrindo inclusivamente as ligações. A fig. 1 vos aclarará a disposição, medidas e pormenores das penas. O meu conselho é que não coloqueis a segunda pena sem que esteja bem seca a primeira, e a terceira sem que haja secado a segunda; é lento, porém fica melhor. Como deveis possuir pelo menos meia dúzia de flechas, pode-se organizar o trabalho em série.

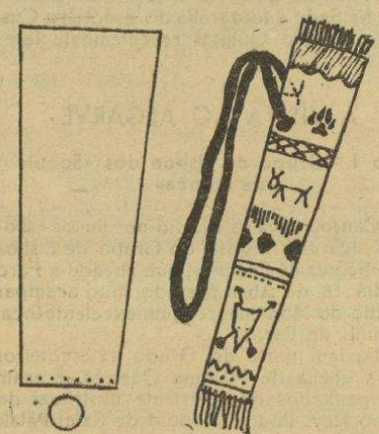

Fig. 2

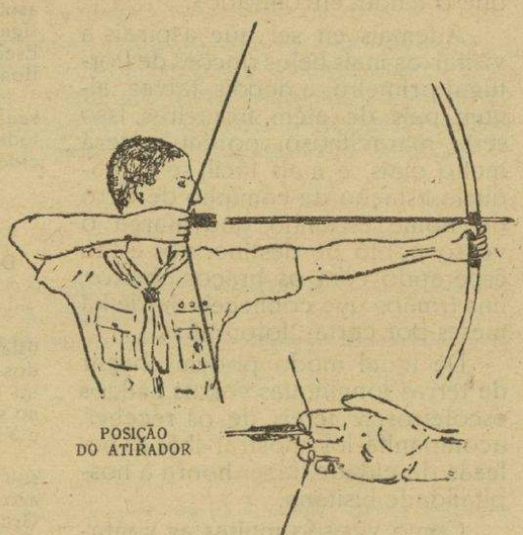

Fig. 3

O alvo é muito fácil. Um círculo de cartão forte ou madeira de 1,20 m. de diâmetro, que se acolchoa com palha, crina ou outra coisa similar, e cobre-se de serapilheira, na qual se pintam os seguintes círculos:

Centro em cor branca e 20 cms. de diâmetro					
Círculo 1.º	em	vermelho	—12,5	cms.	de largo
» 2.º	»	amarelo	—12,5	»	»
» 3.º	»	azul	—12,5	»	»
» 4.º	»	branco	—12,5	»	»

O alvo coloca-se num cavalete ou seguro a uma árvore a uns 40 passos do atirador. Não interessa situá-lo numa parede, por exemplo, porque as flechas que não acertem nele, podem sofrer avarias na ponta ao chocar com um corpo demasiadamente duro.

Ah! Sim, não estais cansados de trabalhar, ainda podeis fazer um bonito cesto onde levar as flechas. Só necessitais para ele de cartão ou couro, umas cintas, e muita imaginação para decorá-lo com motivos escotistas. A fig. 2 é um padrão de cesto.

E como final necessitais de uma luva forte que proteja os vossos dedos e pulso esquerdo — a mão com que se empunha o arco — das chicotadas da corda ao atirar a flecha.

Já tendes tudo quanto é necessário para praticar o tiro de flechas. Depois disto, não duvido de que muito em breve luzirá no vosso uniforme a insígnia de Arqueiro.

Madrid, Março de 1949.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

BIBLIOGRAFIA:

«Arte e costumbres de los pieles rojas», por Julian Harris Salomón.
Colecção «The Scouter».
« «El Explorador».

Caro Leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.

PALESTRAS COM UM GUIA

AS RELAÇÕES COM O EXTERIOR

Os Castores constituem uma magnífica Patrulha, porém... permites-me que te diga uma coisa? Não gosto de vos ver nesse desinteresse das actividades a que podemos chamar oficiais.

É muito bom manter certo grau de intimidade porque isso dá um carácter especial à Patrulha e favorece a unidade, porém, se se leva esta qualidade ao extremo, corre-se o perigo de cair num egoísmo insociável, o que seria um tremendo desmentido a essa esplêndida fraternidade que caracteriza o nosso Movimento em todo o mundo.

Sim, já sei que tendes relações muito cordiais com todos os companheiros do Grupo, porém isto não basta. Olha amigo, neste aspecto das relações que podemos chamar exteriores, considero a Patrulha como uma pequena família bem educada, que presta a devida atenção ao cumprimento dos seus deveres sociais, que tem amizades, que comparece aonde é convidada, e que, por sua vez, organiza pequenas recepções.

Por exemplo, todos quereis deveras a vossos pais, aos vossos irmãos, à família íntima cuja habitação compartilhais. Sem dúvida, a Patrulha não se tem preocupado ainda em conhecer pessoalmente o lar de Jaime ou de João, saber como vive, como são os seus pais, e que eles saibam como vós sois. Talvez assim te fosse possível compreender melhor certas coisas raras que notas no carácter e humor de Rafael.

Aos pais interessa sempre conhecer os amigos dos seus filhos e o teu dever é facilitar esses justos desejos. Assim, pois, deveis entabolar relações com os lares de todos vós. Podeis começar aproveitando a data do aniversário de Jorge para lhe apresentar parabéns. Organizar um pequeno acto de felicitação em que intervenha toda a Patrulha, encarregando-se o Jorge de preparar a vossa visita. Depois, na primeira ocasião, fazei o mesmo na casa de outros. Então verás os resultados. Estou certo que até vos convidarão a merendar e vos pedirão para que celebreis ali alguma reunião, alguma demonstração...

Esta prática social cujo princípio e conveniência está já universalmente aceite no Escotismo, tem uma vantagem: interessar os pais no nosso trabalho e, portanto, assegurar a sua valiosa ajuda nos problemas da Patrulha, do Grupo ou da Associação.

Na ordem nìtidamente escotista sou um decidido partidário de que as Patrulhas tenham relações pessoais ou escritas com outras Patrulhas de localidades diferentes da sua e ainda de outros países. O intercâmbio de ideias que assim se origina é interessantíssimo e de uma grande utilidade. Falo-te baseado numa grande experiência minha e da minha velha Patrulha. Não é difícil estabelecer este contacto. Nos jornais escotistas podeis publicar, por exemplo, uma nota solicitando correspondência com todas as Patrulhas que tenham o mesmo nome que a tua. Porque não o fazes? Para conseguir isto mesmo do estrangeiro fala com o teu Chefe, ele transmitirá o teu desejo ao Secretário das Relações Internacionais, e podeis gozar do prazer curioso de receber cartas de irmãos de países distantes. Não te agrada além disso pensar que o nome da tua Patrulha será conhecido noutros lugares?

Toda esta correspondência que se deverá cumprir formalmente—é feíssimo isso de não responder às cartas—vos permitirá conhecer melhor aos rapazes de outras cidades, saber das inquietações de outros países, e compreender que em todos, absolutamente em todos, há tanto de bom como em vós. A mútua compreensão entre os homens é o melhor caminho para afirmar uma paz eterna, e todos temos o dever de fazer alguma coisa para conseguir isto, que constituía a grande ambição e esperança do nosso Chefe Baden-Powell, quando na sua última mensagem para nós, pouco tempo antes de falecer, nos disse: «fazei o melhor possível para deixar o mundo um pouco melhor do que o tendes encontrado».

Ademais eu sei que aspirais a visitar os mais belos rincões de Portugal primeiro, e depois, talvez, algum país de além fronteiras. Isso seria maravilhoso, porém o será muito mais, e mais fácil, se lá, naquela estação de caminho de ferro de nome estranho que marca o vosso ponto de destino, vos estão esperando com os braços abertos, uns irmãos que conheceis desde há meses por cartas, fotografias...

De igual modo podem chegar de terras longínquas vossos amigos escoteiros, e tereis de os receber, acompanhá-los, mostrar-lhes as belezas da cidade, fazer honra à hospitalidade lusitana.

Como vês são muitas as vantagens que oferece o romper o isolamento em que vos haveis encerrado. Assim pois, espero que muito em breve assinarás um lote de cartas e me contarás algo das visitas aos lares dos teus companheiros. Ânimo e *boa caça!*

ENRIQUE GENOVÉS

OJO DE LINCE



Grupo n.º 6 — Olhão

Aniversário de Baden-Powell — Este Grupo comemorou o aniversário do nascimento do Fundador com uma reunião íntima na qual usaram da palavra os Srs. João Trigueiros, Chefe Regional; Francisco Militão dos Santos e Francisco Pina, respectivamente Chefe e Sub-Chefe do Grupo.

Licenças — Por motivo de serviço militar em Estremoz, entrou em licença o E. C. Sr. José Vaqueiro Afonso. Por motivo de estado de saúde foram também licenciados os escoteiros Manuel Agostinho Ladeira, Manuel João Pereira e Fernando Órfão.

Novos Escoteiros — Em 29 de Março prestaram C. H. os novos escoteiros Eduardo Nogueira, Fernando Simões e Vítor Simões.

De luto — Em 4 de Abril faleceu em S. Brás de Alportel o Escoteiro Custódio António Quintas, vitimado por doença de que sofria há 5 anos. O falecido foi escoteiro dedicado do Grupo 6, onde a sua morte foi muito sentida, e era um amigo dedicado do nosso jornal. O «6» fez-se representar no funeral e na Sede todo o efectivo guardou 2 minutos de silêncio em sua homenagem.

O «*Sempre Pronto*» apresenta condolências sentidas à família deste nosso camarada e ao Grupo n.º 6.

Actividades—Durante o mês de Março foram efectuados exercícios de ginástica e jogos, um bivaque e um interessante exercício nocturno no Pinhal de Joinal, de transmissões e orientação.

Comemoração do dia de S. Jorge — Para comemorar este dia o efectivo deste Grupo e do departamento local da D. A. F. reuniu na Sede no dia 26 de Abril, tendo assumido a presidência o Chefe Regional, Sr. João Lobo M. Trigueiros, secretariado pelos Srs. Alfredo dos Santos Delgado, D. Rosa Inácio de Pina e José Azinheira Rebelo.

Prestaram Compromisso de Honra duas aspirantes da D. A. F., foram entregues insígnias de cargo e capacidade e todos os Escoteiros ratificaram o Compromisso de Honra como é tradicional do dia.

Antes de encerrar a sessão foi descerrada na Sede a fotografia do escoteiro Custódio António Quintas recentemente falecido.—C.

A VISITA AO ALGARVE

Do 1.º Grupo de Lisboa dos «Scouts de France»

Causou viva satisfação nos meios escotistas algarvios a visita do Grupo de Lisboa dos «Scouts de France», que chegou a Faro no dia 18 de Abril passado, indo acampar no sítio do Montenegro, num excelente local a 3 quil. de Faro.

Faziam parte do Grupo 18 escoteiros sob a chefia de Maxime Queirós, e eram acompanhados do assistente espiritual do Grupo Rev. Padre Léopold de Saint Palais d'Aussac.

Na tarde do mesmo dia 18, uma delegação do Grupo 6 de Olhão visitou o acampamento, apresentando as boas-vindas, e fez o convite para uma visita a Olhão, que se efectuou na quarta-feira seguinte. Os visitantes percorreram diversos pontos interessantes da Vila e foram mais tarde recebidos na Sede na presença de todo o Grupo. Os membros da D. A. F. ofereceram um chá, pretexto para uns momentos de confraternização.

(Conclui na 7.ª página)

CASAMENTOS

Em 16 de Abril consorciou-se a Sr.ª D. Noémia Ribeiro, irmã dos nossos Director e Redactor Principal, Eduardo e Joel Ribeiro; com o nosso estimado amigo e assinante Sr. Francisco Carreiras. O acto civil realizou-se em casa da noiva e o religioso na Primeira



Igreja Presbiteriana de Lisboa, sendo oficiante o Rev. Dr. Manuel da Conceição Júnior. Foram padrinhos da noiva o Sr. Israel Saramago e sua esposa Sr.ª D. Matilde Saramago, e do noivo os Srs. Marcelino dos Santos Reis e Inácio Pedro da Silva.

O «Sempre Pronto» apresenta votos de muitas venturas aos noivos.

● No dia 23 de Abril findo, Dia do Escoteiro, na Igreja Paroquial de S. Martinho, em Sintra, efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Elvira Nunes Garcia, com o nosso caro amigo Sr. Pedro de Almeida Pinheiro, oficial maquinista da marinha mercante, Escoteiro-Chefe Ajudante do Grupo 93 e seu membro fundador. Apadrinharam o acto por parte da noiva o Sr. José Cardoso de Sousa e sua esposa, e por parte do noivo o Sr. Jorge da Cruz Reis, um grande amigo do Grupo 93, e sua irmã Sr.ª D. Josefina na Cruz Reis.

Os noivos seguiram para o Estoril, após um esmerado copo de água servido em casa do igualmente bom amigo do Grupo 93, Sr. Eduardo W. Aguiar Luteckens.

O «*Sempre Pronto*» expressa aos noivos os seus desejos mais sinceros de mil felicidades.

Em 16 de Abril p. p. efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Leonilde Galvão com o nosso dedicado colaborador no Entroncamento e amigo Sr. João Messias Godinho.

O acto foi civil, sendo padrinhos por parte



da noiva, seu pai Sr. Germano Azevedo Galvão e sua tia Sr.ª D. Maria de Jesus Galvão; e por parte do noivo os seus primos Sr.ª D. Maria Eugénia Godinho Marques e Sr. Valentino Marques Godinho.

Todos os que no «Sempre Pronto» trabalham desejam ao seu camarada João Messias Godinho e a sua gentil noiva as melhores felicidades.

● Em 27 de Abril findo, na Igreja de S. Mamede, a Sr.ª D. Ivone Rodrigues de Almeida consorciou-se com o nosso estimado amigo e assinante Sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, antigo escoteiro do Grupo n.º 2.

O «*Sempre Pronto*» deseja muitas felicidades e alegrias aos simpáticos noivos.

MAIS 200 ASSINATURAS

O «SEMPRE PRONTO» tem necessidade urgente de mais 200 assinantes. Só assim poderá restabelecer o seu equilíbrio financeiro. Neste sentido vimos apelar para todos os nossos amigos e colaboradores. Que cada amigo do nosso jornal nos indique um novo assinante ou, pelo menos, o nome de um provável assinante. A resposta a este nosso apelo será por nós recebida como uma manifestação de simpatia para com o nosso trabalho.

O aumento de encargos proveniente do encarecimento de papel e das taxas postais provocaram a necessidade imperiosa do aumento de assinaturas.

Esperamos, pois, que os nossos amigos dedicados acorrerão em nosso auxílio, enviando-nos novos assinantes.

ATENÇÃO! DAQUI! ALGARVE

(Conclusão da 6.ª página)

Um Fogo de Conselho

No dia 22 do mês findo efectuou-se no acampamento do Grupo francês um interessante fogo de conselho para o qual convidaram os Grupos 157 do C. N. E. de Faro, 77 de Faro, 6 e Departamento da D. A. F. de Olhão, num total de mais de 100 escoteiros.

Foi uma noite inolvidável em que, debaixo dum lindo céu algarvio repleto de estrelas, e perante numerosa assistência, todos os grupos apresentaram uma pequena parte do seu reportório de anedotas e canções, destacando-se dois episódios desempenhados por patrulhas visitantes.

Como lembrança desta visita a Chefe da D. A. F. colocou na bandeira do Grupo francês uma fita oferecida pelo Grupo 6, tendo este regressado a Olhão cerca da 1 hora do dia 23.—C.

DE LISBOA

GRUPO N.º 79

VISITAS CULTURAIS

No dia 13 de Abril findo, este Grupo efectuou uma visita cultural ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém, em cujo torreão superior o Chefe Lobo de Carvalho fez uma palestra sobre a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

EXCURSÃO

Em 20 do mês passado o 79 efectuou uma excursão de exploração com o intuito de procurar terrenos para acampamento e propaganda, passeio que terminou na Amadora, em cuja localidade foi visitado o velho escoteiro Sr. Luís Amorim Costa, fundador deste Grupo a quem foi oferecido um retrato emoldurado.

COMEMORAÇÕES DA BATALHA DE LA LYS

Há alguns anos que, por iniciativa do Grupo n.º 85, os escoteiros da Região Centro vêm prestando homenagem aos mortos Grande Guerra de 1914/18. Este ano, efectuou-se no passado dia 10 de Abril, em que uma deputação de 80 escoteiros, representando os Grupos n.os 2, 5, 8, 9, 13, 53, 79, 85, 94 e 99 se reuniram pelas 10 horas na cripta dos Combatentes do Cemitério do Alto de S. João e, na presença dos Srs. Miguel Fabião, Capitão Lopes Gusmão e António Jorge de Carvalho, que representavam a Liga dos C. G. G., Chefe Regional do Centro, fizeram a saudação e o escoteiro João Trindade Pires do Grupo n.º 85, filho de um combatente depôs um ramo de flores, respeitando-se 2 minutos de silêncio.

Em seguida a formatura dirigiu-se ao Monumento da Avenida da Liberdade onde se repetiu a cerimónia, o escoteiro do Grupo 85 José António Nobre Gordo depôs outro ramo de flores na base do pedestal.

Os Escoteiros eram aguardados pelos Srs. Cardoso de Oliveira e Faria Afonso, pela Comissão Central da L. C. G. G.

Junto ao Monumento estava montado um serviço de policiamento permitindo assim que os escoteiros pudessem mais fàcilmente cumprir a sua missão, tendo-se juntado grande número de pessoas, que eram contidas a distância. Os escoteiros desfilaram depois pela Avenida.

No dia 9, e, a convite da Direcção da L. C. da G. G., o escoteiro Lúcio Cordeiro de Oliveira, tomou parte na Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido, na Batalha, onde representou o Grupo n.º 85, na Comemoração da Batalha de La Lys.

Grupo n.º 93 — Sintra

Igualmente em comemoração da Batalha de La Lys uma deputação deste Grupo, composta pelos Escoteiros Miguel Raposo Bicho, Alexis Ferreira Casulo e Fernando Nunes Garcia, deslocaram-se de bicicleta à Batalha, onde depositaram uma artística bilha, em forma de vara-tronca de escoteiro, com azeite oferecido pelo comércio de Sintra.

Estes escoteiros aproveitaram a viagem para fazer propaganda do Escotismo e de Sintra.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Nascimentos — Encontram-se de parabéns o nosso estimado amigo e assinante Sr. Cláudio Merelo e sua esposa, pelo nascimento, em 8 do corrente de sua primeira filha. Endereçamos-lhe, por tal motivo, os nossos sinceros desejos de muitas venturas.

Doentes—Sofreu um desastre e fracturou algumas costelas o nosso estimado amigo Sr. José Reis, pai do nosso camarada E. S. Júlio Maria Reis, encontrando-se internado no Hospital do Carmo da G. N. R. Fazemos os melhores votos pelo seu pronto restabelecimento.

Falecimentos — Em 13 de Abril último, faleceu a Sr.ª D. Carolina Alves de Oliveira, mãe da Sr.ª D. Maria Helena Pereira Alves da Silva, esposa do antigo dirigente escotista E. C. D. Sr. Albano da Silva.

O «*Sempre Pronto*» apresenta condolências muito sentidas à Sr.ª D. Maria Helena P. A. da Silva e ao nosso estimado amigo e assinante dedicado Sr. Albano da Silva.

II Exposição de Fotografias Escotistas

Por dificuldades de instalação surgidas à última hora, foi adiada para data a fixar, esta exposição de fotografias promovida pelo Grupo n.º 5 com a colaboração de diversos Grupos de Escoteiros.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O "GRANDE JOGO,,

AS PROVAS DE CLASSE

Escoteiro Patatenra é uma categoria que se justifica sòmente nos primeiros meses após o Compromisso. O Escoteiro procura conquistar a Segunda Classe a fim de não mais ser Patatenra!

O Chefe auxiliará o Escoteiro neste seu desejo, porém será este quem terá interesse em aprender as provas necessárias. Nada de transformar as reuniões do Grupo em aulas de Escotismo, onde o Dirigente, de ponteiro na mão, lecciona as diversas matérias que constituem as diferentes provas de classe.

Nada disso! A missão principal do Chefe será organizar jogos e exercícios em que os conhecimentos a que dizem respeito as provas de classe sejam indispensáveis. A organização destes programas é uma das tarefas mais importantes do dirigente e reside aqui, especialmente, a sua habilidade e competência para o cargo que desempenha.

Os jogos e exercícios serão executados entre as Patrulhas do próprio Grupo ou entre estas e as de outro Grupo vizinho. Nas reuniões de Guias serão minuciosamente explicados os fins do jogo, o seu tema, desenvolvimento, regras a cumprir. O jogo ou exercício pode ser particularmente destinado à execução de uma matéria ou englobar simultâneamente diversas matérias. Sinalagem homógrafo ou morse, orientação pelas estrelas, se o exercício é nocturno; pelo Sol, se é diurno; ou pela bússola, pontes, nós, observação, topografia, etc., etc.

A imaginação do Chefe produzirá um exercício que, correspondendo ao gosto de aventura dos rapazes, os entusiasme, e force à execução dos assuntos que constituem as provas a prestar.

Na posse destes elementos cada Guia reúne com a sua Patrulha e esta durante um dado período prepara-se activamente para a efectuar. Assim o Escoteiro diligenciará instruir-se nas matérias que terá de executar e a instrução será dada dentro da própria Putrulha e só excepcionalmente o auxílio do Chefe será solicitado.

Realiza-se o jogo ou o exercício, o Dirigente acompanha as diversas actividades e, terminado este, poderá conceder a prova de homógrafo ao Escoteiro que trasmitiu certa mensagem, a de orientação àquele que foi capaz de conseguir certa direcção dada, a de pista a outro que foi capaz de seguir uma pista, a de cozinha ao escoteiro que se encarregou dos alimentos, etc.

E é neste ambiente alegre, de aventura, e até de mistério, que o Escoteiro presta a sua segunda e primeira classes, com a vantagem de se ter a certeza de que é capaz de executar a prova.

Acabemos pois com as aulas de Escotismo em que o Chefe impinge muita teoria num ambiente sonolento e fastidioso, e saiamos alegremente para o campo a executar o «Grande Jogo» que fará o encanto da rapaziada.

E. R.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

Formação de Chefes

Foi nomeado Comissário para a Formação de Chefes da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra o Sr. Major Léo Borges Fortes.

2.º Ajuri Estadual de Recife

Num aprazível local do Parque Florestal de Dois Irmãos, nos arredores da capital pernambucana, efectuou-se de 20 a 24 de Janeiro o 2.º acampamento estadual de Recife, no qual tomaram parte cerca de 500 escoteiros seleccionados entre os 43 municípios do Estado, estabelecidos em 10 sub-campos que se designaram por nomes de antigas tribos indígenas brasileiras.

O acampamento decorreu num ambiente de amizade e constituiu um êxito para os seus organizadores, tendo sido muito visitado no quarto dia por numeroso público, autoridades civis e militares.

Estiveram presentes neste acampamento os Comissários Srs. Léo Borges Fortes e David M. de Barros, representante do nosso jornal no Brasil, que teve a gentileza de nos enviar do Recife um cartão de saudações.

● A Federação Pernambucana de Escoteiros realizou, também, recentemente o 2.º Curso Estadual de Chefes-Escoteiros, com a finalidade de ampliar os conhecimentos técnicos dos seus dirigentes.

Itatiaia!

Sob a direcção do Chefe João Mós está publicado o boletim «Itatiaia!» do I Campo Escola Nacional de Chefes, devendo ser publicado brevemente o boletim do II Campo efectuado em 1948. A maneira cuidadosa como os nossos camaradas brasileiros estão organizando os seus campos-escolas e a atenção que estão dedicando à formação dos seus dirigentes, permite-nos afirmar que o escotismo brasileiro está dando um passo muito importante para a sua valorização, abrindo com segurança caminho para o futuro, cujos frutos se começam já a fazer sentir não só no Brasil, mas até nos países vizinhos, dos quais têm vindo alguns Chefes aproveitar os cursos brasileiros. Uma carta dum Chefe paraguaio publicada no boletim de Fevereiro da U. E. B. é prova da nossa afirmação.

A U. E. B. está diligenciando que seja concedida a este curso a insígnia oficial WOOD-BADGE ou seja o reconhecimento internacional do Curso.

FRANÇA

O «Comissariado Nacional dos Escoteiros de França» reuniu-se em 15 de Janeiro p. p. Depois de uma apreciação em geral a todos os trabalhos, foram especialmente estudados os seguintes pontos:

—Congresso Nacional de Chefes;
—Serviço de cinema;
—Preparação do «Comité de ligação entre os «Éclaireurs de France» e a «Fédération Française des Éclaireures».

O estágio para o estudo dos problemas da infância inadaptada, organizado pelos «Éclaireurs de France», realizar-se-á de 8 a 14 de Julho p. f. em Mary-le-Roi. Estudar-se-á em especial o ensino escolar e profissional nos internatos de reeducação. Os conferencistas farão também exposições sobre a técnica do cinema, com o auxílio de projecção de filmes e documentários.

De 16 a 26 de Julho efectua-se também nesta povoação, o estágio de informação sobre o estudo do Escotismo de Extensão (reservado aos doentes e aleijados) organizado pela mesma associação e a secção neutra da Federação Francesa das Escoteiras.

● Desde o verão passado as revistas «Scout» dos «Scouts de France» e o «Soit Prêt» dos «Éclaireurs Unionistes» publicam páginas comuns, o que estreita as relações de amizade entre os escoteiros das duas associações.

Presidência do «Scoutisme Français»

Tomou posse de presidente do *Scoutisme Français*, em substituição do General Lafont que, como noticiámos, pediu a sua demissão, o antigo dirigente escotista J. Beigbeder que dentro do Escotismo tem um passado brilhante.

«Raiders-Scout»

O *Scoutisme Français* trabalha activamente na selecção de grupos com capacidade de serem elevados ao grau de «*Raiders-Scout*». Deste ramo escotista farão parte um escol de escoteiros que gozem de perfeita saúde, possuam a 1.ª classe, e possam estar prontos a agir em caso de incêndio, inundações, etc. Estes escoteiros estarão sempre à disposição das autoridades que, para isso, terão em seu poder o nome e endereço deles.

Os «*Raiders-Scout*» serão divididos nas seguintes especialidades: condutores mecânicos, desportistas, praticantes de «*Woodcraft*» (a) e de serviços voluntários.

Resoluções de Angoulême

A «Équipe Nationale Éclaireur» tomou importantes decisões num congresso efectuado na cidade de Angoulême, entre as quais avultam a reforma das provas de classe, que ficarão divididas em quatro classes: aspirante, 2.ª e 1.ª classe e *ecuyer* (b), além de que se permitirá ao escoteiro escolher, dentro de cada uma delas, a especialização em determinado ramo escotista que lhe possa interessar mais. No próximo número, daremos mais pormenorizadas notícias a respeito destas importantes resoluções.

(a) Vide n.º 3 do «*Sempre Pronto*».
(b) Correspondente a «Escoteiro da Pátria».

O 4.º Aniversário do "Sempre Pronto,,

A revista «Campismo», órgão da Federação Portuguesa de Campismo, teve a gentileza de nos endereçar cumprimentos por motivo do nosso aniversário, no seu número de Abril último, o que muito agradecemos, retribuindo os desejos expressos de longa vida ao nosso jornal.

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Este nosso estimado amigo, antigo Comissário Nacional e Presidente dos Escoteiros de Portugal, foi recentemente nomeado Comendador da Ordem da Saúde Pública da França, numa cerimónia que se efectuou no dia 27 de Abril na Embaixada de França.